[Recensão a] Traduzioni, imitazioni, scambi tra Italia e Portogallo nei secoli (Atti del primo Colloquio internazionale, Pisa, 15-16 ottobre 2004), a cura di Monica Lupetti

Autor(es): Almeida, Isabel

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42587>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0870-8584_4_16

Accessed : 26-Apr-2023 14:47:50

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
de Lisboa

Nova Série
Nº 4.
2009

os fios dos diversos fragmentos de uma biografia imaginária que, por sua vez, engloba personagens e ideologias que formaram a vanguarda portuguesa na segunda metade do século XIX. MANUEL G. SIMÕES

Traduzioni, imitazioni, scambi tra Italia e Portogallo nei secoli (Atti del primo Colloquio internazionale, Pisa, 15-16 ottobre 2004), a cura di Monica Lupetti, Firenze, Leo S. Olschki Editore, 2008, 171 pp. + 15 pp. extra-texto.

O título da obra, *Traduzioni, imitazioni, scambi tra Italia e Portogallo nei secoli (Atti del primo Colloquio internazionale, Pisa, 15-16 ottobre 2004)*, desperta interesse, prometendo sob um tema agregador matéria vária: este é – advertem Davide Conrieri e Valeria Tocco, que assinam as páginas proemiais – mais um fruto do trabalho que, desde 2001, o empenho conjunto de duas instituições de prestígio (a Scuola Normale Superiore di Pisa e a Università di Pisa) vem permitindo desenvolver sobre as relações literárias entre a Itália e a Península Ibérica. No volume em apreço – sublinham ainda Davide Conrieri e

Valeria Tocco – tem lugar, simultaneamente, uma restrição e uma expansão dessa pesquisa: restrição, porque se privilegia Portugal; expansão porque, além dos períodos renascentista e barroco, a atenção prestada a nexos culturais luso-italianos alastra a épocas diversas, atingindo a contemporaneidade.

Se o breve depoimento de Adelina Aletti (“Tradurre di dentro”, pp. 21-23) evidencia a força dos afectos e das circunstâncias na sua carreira de tradutora de autores portugueses e brasileiros, o ensaio de Luciana Stegagno Picchio (“Tradurre Petrarca: la traduzione portoghese delle *Rime* di Vasco Graça Moura, con un breve *excursus* sul problema del tradurre”, pp. 1-20) torna clara a complexidade tanto do labor da tradução como dos resultados a que conduz. De facto, ao observar e comentar a versão dos *Re-rum Vulgarium Fragmenta* (ou *Canzoniere*, ou *Rime...*) realizada por Vasco Graça Moura, Luciana Stegagno Picchio prova a importância que no acto de trasladar assume, mais do que a compreensão, a interpretação dos textos e a consciência da poética de que são parte: “La traduzione non è

l'opera, ma un cammino verso l'opera" (p. 5). Daí que, teorizando, frise o valor da busca de "suono" e "senso"; daí que enfatize, não só a inevitável historicidade, mas também o melindre – no que toca à legitimidade e pertinência – de qualquer tradução; daí enfim que, apostada em cruzar conhecimento geral e sensibilidade ao particular, a sua análise de algumas composições traduzidas por Graça Moura seja, a cada passo, uma lição sobre a obra de Petrarca, considerada como base e medida de todas as escolhas.

De outro ângulo, o estudo de Rita Marnoto, "Il *Marco Paulo* di Valentim Fernandes nella catena traslativa del *Milione*" (pp. 25-38), salienta as dinâmicas potencialidades da tradução. Da pujança da transmissão de *Il Milione*, ao longo de séculos, e da qualidade metamórfica desse processo, não há dúvidas – assevera a autora, que propõe uma reflexão sobre "la dialettica tra istanza di produzione e di ricezione in successive traslocazioni di senso" (p. 26). Movente, sem sequer um "ideograma" (p. 27) que lhe fixasse contornos e propósitos, *Il Milione* sofreu infindáveis reelaborações,

em vernáculo ou em latim, numa permanente disponibilidade ou abertura a novas leituras, novas expectativas, novos objectivos: confirma-o (vinca Rita Marnoto) a iniciativa do alemão Valentim Fernandes, que, a partir de uma versão latina medievá – a do dominicano Pipino da Bologna – deu ao prelo, em Lisboa, no ano de 1502, o seu *Livro de Marco Paulo*. Numa contextualização incisiva, a autora lembra os laços que uniram Fernandes à corte de D. Manuel; evoca o começo do século XVI como tempo de exaltação das descobertas, de entusiasmo pela arte da imprensa, de ávida curiosidade (a uma escala europeia) pelas notícias do mundo. É neste quadro que vê no *Livro de Marco Paulo* o inequívoco desejo de actualizar *Il Milione*, advogando que Fernandes dele fez, com as "adições" que lhe acrescentou e os textos que lhe associou, uma peça celebrativa da expansão portuguesa e do poder soberano do Venturoso. Significativamente, essa vontade de actualização do texto levaria, por vezes, à denúncia dos limites da palavra ou à proclamação de uma viva necessidade de apurar a língua e ponderar opções: a tanto

obrigavam a novidade ou a alteridade, em nome das quais – nota Rita Marnoto – o tradutor chega a discutir o traduzido.

Trabalhos como os de Davide Bigalli, “Tra Erasmo e Machiavelli: la filosofia politica di Jerónimo Osório” (pp. 51-60) e de Giuseppe Marcocci, “Gli umanisti italiani e l’impero portoghese: una interpretazione della *Fides, Religio, Moresque Aethiopum* di Damião de Góis” (pp. 61-124), exploram, não menos, a relevância da cultura italiana em Portugal ou em autores portugueses do século XVI. Davide Bigalli perscruta a tensão, ora discreta ora explícita, que D. Jerónimo Osório cultivou relativamente à doutrina gizada por Maquiavel acerca da ordem da *res publica* (tema nevrálgico, numa época de mudanças que afectavam tradições e equilíbrios sociais). Assevera Davide Bigalli que, em declarada recusa ou em tácita refutação das teses de Maquiavel, o Bispo de Silves elegeu os clássicos – sobretudo Aristóteles e Cícero – como mestres e modelos. E é também num cenário de crise que Giuseppe Marcocci insere Damião de Góis e a sua

Fides, Religio, Moresque Aethiopum (1540), fazendo ressaltar a amplitude de horizontes deste humanista cosmopolita, “uma figura senz’altro atípica nel panorama della cultura lusitana del primo Cinquecento” (p. 62).

Para lá dos vínculos a Erasmo e a humanistas do Norte europeu, Giuseppe Marcocci aplica-se a provar quão decisivas foram, na formação e no rumo seguido por Góis, as suas relações com o humanismo cultivado em Itália – *maxime* com a cultura veneziana, de que Bembo ou Ramusio, cada um a seu modo, são representantes. Na perspectiva de Marcocci, Damião de Góis levou a cabo, na sua *Fides, Religio, Moresque Aethiopum*, uma estupenda, habilitíssima aliança: por um lado, falar da Etiópia (encarecida pelo arreigado mito do Preste João) era corresponder a um fervilhante interesse pelas navegações e pelas novas terras desvendadas; por outro, tratar do assunto da maneira como Góis o fez (e que era distinta da que adoptara o Padre Francisco Álvares na *Verdadeira informação das terras do Preste Joam das Índias* – insiste Marcocci), equivalia a compor uma imagem da Etiópia como um exemplo, a

partir do qual seria lícito definir melhores linhas de conduta política e religiosa na própria Europa (não por acaso, repara Giuseppe Marcocci, uma *Deploratio Lappianae gentis* entra neste livro...). Em suma, diz o autor: ao destrinçar, na *Fides, Religio, Moresque Aethiopum*, a força essencial da fé e o carácter meramente epidérmico de diferenças existentes entre a prática religiosa de etíopes e de católicos, para concluir que era a harmonia que urgia promover, Damião de Góis entregava-se a uma campanha dúplice, casando irenismo e espírito de cruzada, pois seria a concórdia da Cristandade a consentir a luta contra o inimigo Turco: “Il richiamo a posizioni aperte e concilianti nei confronti delle innegabili differenze dei riti e dei costumi degli etiopi rispetto a quanto stabilito dalla Chiesa cattolica poteva contenere tanto un’allusione di sapore ancora erasmiano alla svalutazione degli aspetti esteriori della religione e all’insensatezza delle dispute teologiche e delle divisioni fra i cristiani di Europa, quanto una apologia dei successi conseguiti dall’impero portoghese sul terreno dell’espansione della fede” (p. 90).

É por este viés que Giuseppe Marcocci detecta nexos entre o pensamento de Góis e correntes de profetismo então em voga, de fecundos dividendos políticos; é assim que explica o cuidado de Góis em reivindicar para Portugal uma missão ecuménica crucial. Aos dados com que Marcocci lida, haveria talvez que adicionar os que a literatura ficcional oferece – nunca despidiendos: a construção da personagem do turco como arqui-inimigo ergue-se, nítida, na *Cronica do emperador Clarimundo donde os reis de Portugal descendem* (1522), de João de Barros; e a censura a uma Cristandade fragmentada, que esquece a Casa Santa de Jerusalém para se digladiar sem razão, anima versos famosíssimos de *Orlando Furioso*...

Eco de convicções e preocupações agudas, a *Fides, Religio, Moresque Aethiopum* teve uma fortuna que espelha a sua condição de texto audaz – logo, incómodo. Giuseppe Marcocci demonstra: recebida com frieza em Roma e nunca traduzida para língua vernácula, esta obra de Góis, que dava voz (e sublimada) ao embaixador etíope Saga Za-Ab, punha em xeque as posições de teólo-

gos lusos, e acabou proibida em Portugal.

Ensaios como os de Sandra Vasco Rocca, “Il manoscritto di Padre José Maria da Fonseca e d’Évora (1737): un significativo documento di relazioni diplomatiche e culturali tra Roma e Lisbona” (pp. 125-136 + 19 imagens) ou de Teresa Leonor Magalhães do Vale, “La fontana di Nettuno nei giardini del palazzo di Lisbona dei conti di Ericeira, un’opera di Gian Lorenzo Bernini e Ercole Ferrata in Portogallo” (pp. 137-162 + 6 imagens), ocupam-se, por seu turno, de cruzamentos de arte e política. Sandra Rocca, divulgando o bellissimo “Diploma Aureo” que o Senado Romano outorgou honrosamente ao ministro plenipotenciário de D. João V junto da Santa Sé, não só caracteriza a figura do Padre José d’Évora como elemento da confiança do Magnânimo, mas também como personagem que perfilhou e alimentou, na Cidade Eterna, a moda arcádica, a par do deleite, intensamente barroco, pela arte suntuosa. Sandra Rocca delinea o legado do Eborense no património romano, sem perder a oportunidade de registar contactos

graças aos quais o Padre José Maria da Fonseca terá concorrido para a circulação e a vinda, a Portugal (a Mafra, em especial), de escultores como Carlo Monaldi.

Teresa Vale reconstitui a história da fonte de Neptuno que hoje (depois de vicissitudes múltiplas) brilha nos jardins do Palácio de Queluz. Apoiada em fontes documentais, a autora remonta à encomenda do trabalho (c. 1676) que outrora enriqueceu os jardins do palácio da Anunciada, residência dos Condes da Ericeira, arrasada pelo terramoto de 1755: dos sonhos de glória de D. Luís de Meneses, que terá primeiro solicitado uma fonte com um Marte lavrado à sua imagem de herói das guerras da Restauração, até ao resultado derradeiro (uma fonte de Neptuno, tal como o intermediário em Roma, D. Luís de Sousa, se esmerou a conseguir, recorrendo ao talento de Gianlorenzo Bernini e, sobretudo, à perícia escultórica de Ercole Ferrata), vai um percurso meândrico em que sobressaem questões como a fama dos artistas e seu preço, a função ou o uso da arte como afirmação de poder, o emprego da arte efêmera como exibição de bens da fortuna, a

relação entre público e privado, a difusão de modelos e gostos.

O aproveitamento político da cultura e da arte volta a ser objecto de estudo no ensaio de Maria José de Lancastre, “Cronaca di un congresso (a proposito del quinto congresso internazionale della critica svoltosi a Lisbona nel 1931)” – pp. 39–49. Mais do que ligações luso-italianas, avulta aqui um mapa europeu, e o congresso dos críticos europeus, organizado por António Ferro nos primeiros anos do Estado Novo, é avaliado pela autora como uma manobra de sedução que acreditou no préstimo da cultura como trunfo maior. Numa altura em que se pretendia debater o ascendente dos críticos e as formas do exercício da crítica, o encontro de 1931 – afirma a autora – veio ilustrar essa influência: o zelo propagandístico de António Ferro revelava esperança no vasto alcance público e, eventualmente, no fundo impacto do discurso dos críticos; o teor das críticas recensadas por Maria José de Lancastre mostra quão certa foi essa convicção.

Traduzioni, imitazioni, scambi tra Italia e Portogallo nei secoli tes-

temunha a riqueza deste campo de pesquisa. Garantem Davide Conrieri e Valeria Tocco “pro-seguire su questa via” (p. VIII), e o leitor do presente volume não hesitará em formular um voto benigno: assim seja! ISABEL ALMEIDA

Maria Bochicchio, *O paradigma do pudor*, Vila Nova de Famalicão, Edições Quasi, 2007, pp. 279

A pátria portuguesa é às vezes ingrata para com os seus filhos; mas mais ingrata é, como regra, para com os estrangeiros que a privilegiaram, ou que dão provas de lusofilia, os quais, se podem dever-lhe algum apoio pontual, ou alguma bolsa, não têm incentivos regulares ou o apoio e o reconhecimento público – nem que fosse traduzido em convites, condecorações, prémios, e até em verbetes de dicionários – que merecem a sua dedicação à cultura portuguesa e as suas contribuições para o seu conhecimento e divulgação.

Vivendo em países próximos ou longínquos, indo e vindo ou fixando-se entre nós, como se fixaram a alemã Carolina Michaëlis ou o sardo Michel Giacometti,